

AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL DO PORTUGUÊS POR UMA FALANTE DO FINLANDÊS: O PAPEL DO CODE SWITCHING

Gilcélia Santana Pires*

RESUMO — *O presente estudo descreve o processo aquisicional do Português por uma adolescente falante do Finlandês como língua materna e mais outras línguas estrangeiras, a exemplo de inglês. Objetivou-se verificar se há transferência lingüística da língua materna (L1) para a segunda língua (L2) e qual seria o papel de uma outra L2 anteriormente adquirida na aquisição do Português. A observação da aquisição da morfologia verbal do Português foi realizada em três fases: na primeira fase, o fenômeno do code switching (uma alternância de códigos lingüísticos) foi detectada como uma estratégia de aprendizagem, porém, com função discursiva; no segundo estágio, as estruturas verbais começam a se misturar entre formas finitas e não-finitas e o code switching permanece com uma função lingüística; na terceira fase, as categorias de flexão e concordância de número são adquiridas e as formas finitas e não-finitas são usadas apropriadamente. O uso de code switching não apresenta qualquer função nesta fase. Após análise dos dados, conclui-se que o processo de aquisição da morfologia verbal do Português, no primeiro estágio, se baseia na transferência lingüística. No segundo estágio, o uso de uma língua intermediária (Inglês), através de ambos, o code switching e a transferência lingüística, demonstra que a experiência anterior do aprendiz com uma L2 já adquirida pode servir como uma valiosa estratégia para a aquisição de uma terceira ou quarta aquisição de L2s.*

PALAVRAS-CHAVE: *Aquisição de Segunda Língua. Transferência Lingüística. Alternância de códigos lingüísticos.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende descrever o processo aquisicional do português por uma adolescente, falante nativa do finlandês,

* Prof. Assistente (DLET/UEFS). E-mail: gilcelia.pires@ig.com.br
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: educacao.uefs@gmail.com

Merike. Objetiva-se verificar se há transferência de L1 para a L2 e qual seria o papel de uma outra L2, anteriormente adquirida, na aquisição do português.

A morfologia verbal apresentou-se como uma das dificuldades mais acentuadas no desenvolvimento da aquisição do português do sujeito. Por esta razão, elegeu-se este fato lingüístico como o mais interessante para estudo.

A observação do fenômeno de aquisição da morfologia verbal foi realizada em 3 fases. Na primeira, uma grande parte das estruturas verbais se caracteriza pela presença de formas não-finitas. Detectou-se o uso de *code switching* (alternância entre códigos lingüísticos) como estratégia de aprendizagem e com uma função discursiva. Na segunda fase, observou-se que as estruturas verbais começam a se misturar entre formas finitas e não-finitas. O uso de *code switching* permanece, apresentando uma função lingüística na aquisição da morfologia verbal em português.

Na terceira fase de observação dos dados, nota-se que as estruturas verbais apresentam flexão e concordância; as formas finita e não-finita são empregadas adequadamente; O uso de *code switching* não tem mais lugar nesta fase.

Diferente do enfoque coletivo dado às situações de bilingüismo por Poplack (1980) e Clyne (1987) quanto ao processo de *code switching* (doravante, CS), faço uma observação longitudinal de um único indivíduo, o qual se encontra numa situação especial de imersão total no contexto lingüístico da língua alvo (LA), o português. Assim, em particular, pretendo verificar o resultado do uso de CS na aquisição do sujeito.

A conclusão do trabalho é que, numa fase inicial, a aquisição ocorre baseada no mecanismo de transferência de L1 para L2. Enquanto que, na segunda fase, o uso de uma língua intermediária (o inglês) através do *code switching* mostra que a experiência do sujeito com aquisições anteriores de L2s pode servir como entrada de aprendizagem para mais uma L2, favorecendo uma aquisição num tempo relativamente curto e de forma sólida.

CODE SWITCHING

O conceito de CS não é muito consensual na literatura. Há várias definições que ora se equivalem, ora se distanciam.

Consideraremos, nesta apresentação do fenômeno, dois autores, cujas obras são mais ou menos “clássicas” na área de aquisição de L2: Poplack (1980) e Clyne (1987). Ambos têm alguns pontos teóricos convergentes que se aplicam bem aos propósitos da análise dos dados desta pesquisa, quanto ao fenômeno do code switching.

O CS é definido por Clyne (1987) como o uso alternativo de dois códigos lingüísticos. Isto é, o falante deixa de usar, em um determinado momento da conversação, uma língua e passa a usar uma outra. Na alternância de uma L1 para uma L2, os itens lingüísticos podem ocorrer entre duas ou mais sentenças ou dentro de uma mesma sentença. Um trecho alternado da L1 passa a funcionar na sintaxe de L2.

Segundo o autor, esta primeira definição de CS se contrapõe à de “transferência”, na qual somente um item lexical é trazido de uma língua para outra, estando ele integrado ou não ao sistema fonológico e gramatical da língua que o recebe. Assim, o que Clyne chama de “transferência” é o empréstimo lexical de uma língua A para uma língua B.

As idéias sobre as gramáticas envolvidas no processo bilíngüe de CS são também divergentes. Há autores que acreditam numa equivalência de integridade estrutural (sintática) em que os dois sistemas se superpõem. A compatibilidade entre as duas gramáticas é uma das condições para a ocorrência do CS. Ou seja, os trechos alternados devem estar em sintonia sintática, de acordo com o sistema gramatical de L1 e L2:

(1) Talvez nós *meet* hoje¹.

No exemplo (1) o verbo *meet* concorda com o sujeito nós, primeira pessoa do plural no português. No inglês existe esta mesma concordância, *we meet*. Neste caso, há compatibilidade sintática entre as duas gramáticas.

Há, por outro lado, uma linha de pensamento que sustenta a idéia de existência de independência das estruturas sintáticas entre as línguas, quando da ocorrência do CS (Clyne, 1987). Isto é, os trechos alternados permanecem sintaticamente preservados em seu sistema. Cada língua preserva a sua sintaxe.

Poplack (1980) amplia para outros rumos metodológicos e teóricos a discussão em torno do fenômeno. A sua definição básica de CS corrobora a de Clyne, até certo ponto. A autora apresenta uma visão mais ampla para o termo, quando o redefine a partir da combinação de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos e os efeitos destes no processo de CS, numa abordagem sócio-lingüística.

As questões levantadas pela autora quanto aos fatores lingüísticos estão voltadas para a identificação dos tipos de constituintes possíveis no discurso e a forma de relação destes com aqueles não alternados no CS. Por outro lado, as questões extra-lingüísticas estão relacionadas aos aspectos interacionais e sociais associados aos tipos de falantes que operam o CS.

OS DADOS

Para a realização deste trabalho foi feita uma coleta de dados em situações naturais, através de sessões de gravações de diálogos e anotações de diários, durante 11 meses. O sujeito da pesquisa, Merike (doravante M), uma adolescente de 17 anos, mostrou-se disposta e atenta ao processo de desenvolvimento da aquisição da LA, demonstrando conhecimento de outros idiomas (inglês, estoniano, francês, sueco e sua língua 1, finlandês) utilizando-se de intuição lingüística para trabalhar conscientemente algumas questões da gramática da língua em aquisição, no caso, o português (PL1)

As gravações têm variação em termos de tempo de duração. As coletas formam um número de 52 amostras, num total de 5 horas de gravação, sendo que 28 destas são diálogos gravados, 33 são anotações de diário como: bilhetes, pequenos monólogos, e-mails, conversas ao telefone anotadas, algumas sentenças que julguei importantes para a análise geral do trabalho.

PRIMEIRA FASE

FORMAS INFINITAS POR FORMAS FINITAS

Na fase inicial do processo aquisicional do português como L2, o sujeito realiza construções que não se adequam às formas esperadas por um falante nativo de PL1. No primeiro tipo de estrutura classificada - formas não finitas - pôde-se observar que M., em lugar dessas, isto é, formas verbais flexionadas, usa formas não-finitas, isto é, formas não-marcadas quanto à flexão de pessoa e tempo. A primeira fase caracteriza-se, especificamente, pelo uso de formas infinitivas. Vejamos:

- (2) você falô ... falar eu não ir lá. (13 d)
 (3) mas eu querer, querô, querer ir lá.

No momento em que começou a construir sentenças negativas, utilizando o advérbio, “não”, M. continua com a mesma estrutura verbal infinitiva como em (4) abaixo:

- (4) É certo que ele não cair. (3m27d)

Nas sentenças imperativas negativas, do PL1, teríamos o verbo flexionado na segunda ou terceira pessoa do singular com o advérbio de negação antecedendo-o. M não flexiona o verbo para a forma finita imperativa e preenche a posição de sujeito, que seria nulo, nas formas imperativas. Isto é mostrado no exemplo (5). Somente um dado foi encontrado em que o sujeito não é preenchido, como aconteceria na produção dos falantes nativos de PL1. Neste tipo de construção (o imperativo), o verbo permaneceu sem flexão:

- (5) Não ficar furious. (Não fique furiosa) (8m9d)

Observemos, porém, que em (6) abaixo, o sujeito usa a flexão verbal na 2ª pessoa, “venha”, mas logo em seguida, na mesma frase, ele retoma a forma não-finita, “fazer” para expressar o imperativo. O fato de M só usar um verbo flexionado na

sentença, quando os dois verbos deveriam receber morfema de flexão, pode sugerir uma realização não produtiva da forma finita nesta fase. Isto pode revelar inconsistência no uso de formas finitas, ao passo que há maior consistência na supergeneralização das formas não-finitas nesta fase.

- (6) Venha e fazer assim 25 vezes. (4m22d)
(venha e faça esse exercício físico 25 vezes)

Outros tipos de sentenças, como as orações subordinadas, também receberam o mesmo tratamento em relação à flexão verbal, ou seja, nas encaixadas em que deveria haver a flexão verbal, o verbo não é flexionado, assim como não o é nas sentenças matrizes, nesta fase inicial da aquisição:

- (7) Se eu estou menino, eu fazer coisas boa para menina.
(3m27d)

Em (8), a sentença principal, “eu fazer coisas...” deveria trazer o verbo com o morfema flexional [-ria] ou [-ia] para marcar o futuro pretérito e concordar com o sujeito pronominal apresentado. Até este ponto da observação dos dados, poder-se-ia dizer que o uso de construções com formas não-finitas, em contextos lingüísticos não apropriados, dominaram a aquisição de PL2 por um período curto do processo. No entanto, estas construções caracterizam o tipo de “erro” mais recorrente da fase inicial.

FORMAS FINITAS POR FORMAS NÃO-FINITAS

Assim como M realizou sentenças com formas infinitivas, inadequadamente, o uso de formas finitas em lugar de infinitivas também ocorreu. No exemplo abaixo, temos uma construção verbal que foi realizada na fase final do período recoberto pela presente análise, depois que o sujeito já parecia ter adquirido a forma não-finita, isto é, o tipo de estrutura verbal [+f] em lugar de [-f]. Isto não ocorreu em número significativo nos dados.

(8) Eu acho que eles gosta dançar... come pizza e brinca.
(9m21d)

Diante das considerações acerca da primeira fase de construções verbais no PL2, podemos concluir que as tentativas de M neste período de aquisição foram direcionadas para um tipo específico de estrutura sintática: uma “sintaxe mista” em que se pode perceber a transferência da sintaxe da L1. Ora M realiza uma sentença com a morfologia verbal de acordo com a sintaxe de PL2, ora constrói sentenças que parecem estar mais próximas do padrão do Finlandês (FIN.).

Suponho que nesta fase M tenha feito algum tipo de análise comparativa entre o FIN e o PL2 e tenha encontrado semelhanças quanto à flexão de tempo e pessoa, assim como a ordem dos constituintes. Julgando o nível de consciência metalingüística do sujeito, que considero favorável, e sua prévia experiência com outras aquisições, pressuponho que, ao encontrar equivalência da ordem SVO entre o português e o finlandês, assim como igualdade entre as duas línguas em relação à riqueza morfológica quanto à flexão de pessoa, M considerou, talvez, que a LA pudesse ter outra semelhança quanto às formas finita e infinita. Como no FIN há quatro sufixos para a forma infinitiva e mais oito derivações destas, há uma probabilidade para afirmar que M oscilou entre formas como: *eu não sei mais fala português; eu acho que eles gosta dançar ...come pizza e brinca e eu querer falar; você ser muito novo* porque talvez estivesse transferindo a formação de sufixação de infinitivo do FIN para o PL2.

O termo “sintaxe mista” também se aplica à mistura de estruturas verbais finitas e não-finitas no PL2 que aparecem num mesmo contexto lingüístico, por exemplo, numa mesma frase ou período. Isto demonstra, assim, que o sujeito não tem ainda o conhecimento lingüístico, para usar tanto uma forma quanto outra, distintamente.

SEGUNDA FASE:

AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES FINITAS NA PL2

Numa fase da aquisição do sujeito, a qual interpreto como intermediária, os elementos funcionais, tempo e concordância, começam a surgir com muita evidência. Porém, apresentam ainda um distanciamento com relação à estrutura de tempo e concordância da LA. Isto é, ora Agr apresenta uma relação sintática inaceitável com o seu determinante, ora T se comporta da mesma forma. Observemos alguns exemplos:

- (9) Espero quando eu vou pra Finlândia, você vai escrever.
(8m22d)
- (10) Nós dormiendo lá no hotel Sesc. (por dormimos).

Presumo que nesta fase, M começa a entender o processo de flexão da LA. Pela presença da flexão verbal realizada, pode-se concluir que o sujeito sabe que, nesta língua, o sujeito concorda com o verbo. M parece fazer o movimento de V, isto é, preenche o lugar de sujeito com o pronome apropriado, sendo que a morfologia verbal da LA ainda não foi adquirida nesta fase.

É possível que o fato de M não saber quais morfemas selecionar para realizar a concordância de tempo e pessoa tenha ligação com um tempo curto de exposição aos dados, ou seja, o sujeito não teve o tempo suficiente para descobrir o léxico necessário para usar nesta situação.

TERCEIRA FASE:

UMA MORFOLOGIA VERBAL CONSOLIDADA NO PL2

Esta fase apresenta uma característica especial. Os mecanismos de aprendizagem, a Transferência e o CS não estão presentes e, ao mesmo tempo M demonstra ter adquirido conhecimento lingüístico em relação à morfologia verbal da LA, pois realiza um número expressivamente produtivo de sentenças com a

estrutura de futuro próximo (ir+infinitivo), a qual não existe no FIN. Assim, com os tipos de sentenças que se vêem abaixo, podemos dizer que a terceira fase de aquisição de M é marcada pelo uso independente de PL2, ou seja, para falar português, o sujeito não se apóia numa língua franca (o inglês, como o fez nas fases anteriores) ou em sua L1. Ao contrário, segue o caminho da intuição gramatical para a LA e conseguindo usar expressões que são próprias da sintaxe do LA.

(11) Vou beber água (1m10d)
(ir + inf.).

Como mostra o exemplo acima, a ocorrência de sentenças matrizes e encaixadas com a estrutura perifrástica de futuro apresenta uma variação e adequação de uso, sinalizando para o fato de que, nesta fase, o sujeito tem domínio sobre a sua dificuldade inicial no processo de aquisição do português.

Assim, podemos observar que há uma certa variedade quanto ao tipo de sentenças realizadas dentro da estrutura ir+infinitivo. Há sentenças com sujeito nulo como em (11), fenômeno também presente no FIN.

Sabemos que o inglês foi usado nas fases anteriores como língua de entrada na LA, através do CS. Sabemos também que o inglês tem correspondência estrutural em relação ao futuro próximo: *be+going*. A questão que se levanta é: por que M não faz uso de CS, nesta fase, para o uso de futuro próximo no português? O inglês é deixado de lado no momento que M acredita ter compreendido como armar “o quebra cabeça” da morfologia verbal do português. Compreender isto significa ter adquirido as propriedades sintáticas da LA, como por exemplo, saber a ordem dos constituintes, saber se língua tem ou não sujeito nulo, se há inversão de ordem nas sentenças, que tipos de estruturas existem na LA diferentes daquelas já conhecidas pelo sujeito nas outras línguas por ele aprendido, etc.

Dessa forma, a fase final de observação dos dados de aquisição das construções verbais de M na LA se caracteriza pela busca de independência em relação aos códigos lingüísticos precursores de sua aquisição, como o FIN, usada na transferência, e o inglês, como língua franca, usada no CS.

O TIPO DE CS UTILIZADO PELO SUJEITO

Verificou-se, entre as ocorrências de CS na fala de M, a presença mais acentuada do CS extra-sentencial. Neste tipo de CS, incluem-se elementos tais como: sentenças, preenchedores, interjeições, expressões idiomáticas, citações e emblemas (nomes próprios de pessoas e lugares, substantivos isolados).

(11) Eu acho esta casa dark, pequena. (4m22d)

Lembrando o que Poplack afirma, este tipo de CS é característico de bilíngües não fluentes. M se enquadra perfeitamente nesta situação. A sua escolha pelo CS extra-sentencial, mais freqüente do que o intra-sentencial, confirma-se justamente por ela não ter habilidade e conhecimento lingüístico suficiente do português como o tem do inglês. O falante não-fluente, geralmente, domina uma das línguas.

PRIMEIRA FASE DO USO DE CS

M apresenta tanto inserções de itens lexicais quanto longos trechos de fala em inglês. O CS desta fase tem como objetivo, além da interação conversacional, servir como ponto de referência do aprendiz sobre o qual a nova língua está em processo de ser inserida, assim como enfatizar a expressão dita como forma de garantia para o que se quer dizer numa língua que não se conhece bem. Na verdade, chamo estas instâncias de CS do tipo **aliviadores** das tensões conversacionais, geralmente existentes entre bilíngües como na situação de M. Vejamos:

(12) M- *Do you speak English?* (1d)

F- Se eu falo inglês? Falo.

O sujeito preferia usar o CS em inglês como um mecanismo prático e confiável para assegurar tanto a sua interação como a sua sobrevivência comunicativa, se assim podemos considerar esta situação. Assim, cheguei a conclusão de que o CS de M, na primeira fase, tem uma função essencialmente discursiva, mas a própria função discursiva é ela mesma uma estratégia

de aprendizado, uma vez que permite o diálogo fluir. É neste diálogo que PL2 será paulatinamente inserido.

SEGUNDA FASE DO USO DE CS

Nesta fase, M parece utilizar o CS para testar suas intuições lingüísticas sobre a língua em aquisição. Os itens alternados são, em sua maioria, verbos (isolados) ou expressões verbais, assim como orações subordinadas como em (18) abaixo:

(13) M- Sim, mas eu preciso ir lá para sua casa, mas *there is a problem*, estou na casa depois nove horas (1m10d).

FUNÇÕES DO CS NA FALA DE M.

A partir das minhas especulações, constatei que o CS de M se caracteriza por um uso **consciente**. Diante das evidências até aqui encontradas, acredito que M utiliza o CS conscientemente, tanto na primeira fase como na segunda.

EXPERIMENTANDO A MORFOLOGIA VERBAL DE L2 ATRAVÉS DO CS

Nos dados de M, podemos visualizar vários exemplos de CS em fronteiras sintáticas que comprometem o uso do verbo. Área de dificuldade em sua aquisição:

(14) Você não pode *Kick* ele (05.12.97). (5m21d)

Depois de analisados todos os casos de CS realizados por M, cheguei à conclusão de que o uso de CS na aquisição de M sugere uma estável estratégia aquisicional, e, sobretudo, uma estratégia que apresenta um aspecto funcional bem definido: apoiar-se na língua franca para adquirir a LA. Portanto, o processo de CS é consciente e sua contribuição é um fator determinante na aquisição de PL2 de M.

Outro achado, o fator tempo de uso de CS, vem também comprovar este resultado. Observou-se que o período mais

longo do uso de CS foi na primeira fase, a qual durou aproximadamente, 4 meses e meio. A segunda fase já não foi tão longa em comparação com a primeira, durou apenas 2 meses, aproximadamente. A terceira e última fase que serviria para caracterizar o uso constante de CS, não existe. O CS é visivelmente abandonado.

SOBRE A INTERFERÊNCIA DE L1

Uma das indagações feitas neste trabalho se relaciona ao fenômeno da transferência de L1 na aquisição de L2. Nesta seção, apresento, de forma sucinta, os achados que confirmam o pressuposto inicial quanto à presença de transferência (na definição de Odlin, 1989) de L1 ou de outras línguas anteriormente adquiridas.

Segundo alguns teóricos, a exemplo de Krashen & Terrel (1983), Odlin (1989), Schwartz (1998), a aquisição de L2 por adultos é influenciada pela L1 e/ou outras “L2”, de forma parcial ou total. A transferência pode ocorrer em vários níveis: na sintaxe, na morfologia e na fonologia. Nos dados de M, foram encontrados exemplos de *transferência positiva*. Aquelas fundadas nas semelhanças entre L1 e L2, assim como representadas pelas diferenças entre os códigos.

Para verificação dos achados, foi feita uma comparação da morfologia do português e do finlandês. Como resultado, detectei as principais semelhanças e diferenças responsáveis pela transferência na aquisição de M.

SEMELHANÇAS ENTRE A MORFOLOGIA DE L1 E LA

- a) O finlandês e o português têm a ordem SVO;
- b) São ambas línguas de sujeito nulo²;
- c) Os verbos auxiliares como querer, precisar, entre outros descritos, têm comportamentos sintáticos semelhantes;
- d) Há semelhança também em relação aos tempos compostos com os auxiliares ter, haver, no sentido de estrutura e noção de uso.
- e) Os tempos simples como o condicional e passado são marcados pela sufixação.

DIFERENÇAS ENTRE L1 E LA QUANTO À MORFOLOGIA VERBAL

- a) O finlandês não parece ser uma língua tão analítica como o é o português³;
- b) O tempo futuro não existe no finlandês através de sufixação ou expressões perifrásticas⁴;
- c) Expressões como: ir+gerúndio, ser+gerúndio para elucidar o futuro próximo e o presente progressivo respectivamente, não existem no finlandês;
- d) A formação do infinitivo dos verbos em finlandês tem 4 sufixos básicos e 8 derivações destes.

Amparando-se nessas semelhanças e diferenças, é possível dizer que a interferência/transferência do FIN tenha se dado no nível da morfossintaxe.

A minha pressuposição é que o esquema de interferência/transferência funciona da seguinte maneira: Deve haver um momento na aquisição em que as línguas são confrontadas. É o momento de parada obrigatória para aqueles aprendizes “experientes”. Sendo assim, o sujeito-aprendiz reflete sobre o *input* recebido, analisa-o, compara-o e integra-o ao seu sistema de aprendizagem. Esse, por sua vez, é caracterizado por fatores lingüísticos (conhecimento e competência prévia de outros códigos) e extra-lingüísticos como a auto motivação e determinação pessoal para o aprendizado (aspectos afetivos). Tendo passado esse momento, o sujeito encontra compatibilidade e incompatibilidade ou ambos entre as duas línguas. Desta forma, o sujeito percebe semelhanças na morfologia verbal e aplica o mecanismo da transferência de L1. Onde ele encontra diferenças, no caso de M, especificamente, ela emprega a estratégia de CS.

Uma vez tendo resolvido o problema da dificuldade morfológica, em termos de já saber como operar com o componente morfo-sintático da LA, o sujeito passa, então, a se preocupar com o componente lexical, o qual acredito que seja aprendido através da extração de suas propriedades na superfície da língua, ou seja, este processo não depende de uma reflexão abstrata, é visível nos dados de *input* da LA a todos os instantes e incessantemente.

Observei que o fator tempo de exposição ao *input* da LA, realmente, favorece a uma aprendizagem sólida

Face às limitações observadas, entre as quais o número reduzido de sujeitos, sugiro que, em outras oportunidades, seja feito um estudo coletivo acerca de estudantes intercambistas adultos adquirindo o português como L2 em contexto natural. Embora os dados tenham servido aos propósitos da descrição e análise neste trabalho, observei que se esses fossem mais robustos, poderíamos ter arrolado uma discussão mais produtiva.

Finalmente, espero ter trazido alguma colaboração aos estudos lingüísticos, na área de aprendizagem/aquisição de L2.

PORTUGUESE VERBAL MORPHOLOGY ACQUISITION BY A FINNISH SPEAKER: THE *CODE SWITCHING* ROLE

ABSTRACT — *The present study describes the acquisitional process of Portuguese Language by an adolescent native speaker of Finnish as her mother tongue as well as other languages, such as English. As a main goal, it is intended to verify if there is language transfer from L1 into L2 and what would the role of another previously acquired second language be in the acquisition of Portuguese. The observation of the process of Portuguese verb morphology acquisition was carried out in 3 stages. In the first stage, the phenomenon of code switching (an alternation between linguistic codes) was detected as a strategy of language learning with a discursive function. In the second stage, the verb structures begin to mix into non-finite and finite forms and the code switching remains, now, as a linguistic function. In the third stage, inflection and agreement grammatical categories are acquired. The finite and non-finite forms are used appropriately. The use of code switching has no function in the acquisitional process. The conclusion of the work is that, in an initial stage, the acquisition is based on language transfer. In the second stage, the use of an intermediate language (English) through both code switching and transfer demonstrates that the learner's previous experience with a previously acquired second language can serve as a strategy for a further third or fourth language acquisition.*

KEY WORDS: *Second Language Acquisition. Language Transfer. Code Switching.*

NOTAS

¹ Exemplo retirado dos dados de M.

² Para confirmação destas características, um pequeno experimento foi realizado: Pediu-se ao sujeito que traduzisse algumas sentenças escritas em português com os problemas específicos identificados acima.

³ No português, a estrutura perifrástica abrange vários exemplos e funções. Já o finlandês apresenta quadro mais restrito deste fenômeno (remeto o leitor ao quadro descritivo sobre a morfologia das duas línguas em questão para visualização do exposto).

⁴ Como dito antes, o futuro é expresso com o verbo no presente mais expressões adverbiais de tempo.

REFERÊNCIAS

CLYNE, M. **Constraints on Code switching**: how universal are they? *Linguistics*, Mouton de Gruyter, Amsterdam, v. 25, 1987.

KRASHEN; TERREL. **The natural approach language acquisition in the Classroom**. Pergamon Press, Oxford, 1983.

ODLIN, T. **Language Transfer. Crosslinguistic Influence in Language Learning**. Cambridge. Cambridge University Press, 1989.

POPLACK, S. **Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en Espanol. Toward a typology of code-switching**. *Linguistics*, n. 18, p. 581-618, 1980.